

COMENTÁRIO SOBRE O ARTIGO 'O TEMPO E O OUTRO' DE JEAN LAPLANCHE

Pedro Luiz Ribeiro de Santi*

O artigo de Laplanche está sendo tomado como base para destacar certos elementos da reflexão sobre o tempo em Freud; não procurei resenhar o texto ou acompanhar passo a passo a argumentação do autor.

Laplanche procura nesse artigo construir uma concepção de temporalidade própria à obra de Freud, fazendo-a 'trabalhar', como é de seu costume. Com esta intenção, toma o caminho, sempre temerário, de distinguir uma teoria explícita de outra implícita no pensamento freudiano.

Iniciando pela teoria explícita, ele apresenta a idéia de posterioridade (*Nachträglichkeit*), que remete imediatamente para uma modificação na "flecha do tempo": em vez do sentido comum, passado, presente, futuro, teríamos a seqüência presente, passado, futuro.

Detenhamo-nos por um momento neste ponto. A noção de posterioridade insere-se na concepção de Freud de que o psiquismo é formado por sistemas ou camadas de memória. Cada momento de vida caracteriza-se por um arranjo da memória que organiza a experiência, vale dizer, por um eu. Periodicamente há uma mudança de fase, caracterizada por uma ruptura na organização psíquica, que leva a um novo arranjo com novos 'valores' (nova configuração, tal como obtida no *insight*, da teoria da *Gestalt*). Na passagem entre as fases deve haver uma tradução dos elementos da fase anterior para a atual segundo o sistema de significações vigente. Disto resultará a valorização de novos elementos e a impossibilidade de tradução, a falta de lugar ou palavra para outros deles, que ficarão excluídos, reprimidos. Uma representação sem sentido numa fase pode ser significada em outras e vice-versa; é a isto que se refere a noção de posterioridade.

É bem comum ouvirmos em meios *psi*, mesmo universitários, a idéia de que a psicanálise desconsidera o presente em favor do passado; esta crítica costuma preceder a evocação de uma alternativa mais atenta ao imediato ou à 'pessoa'. Independente da consistência própria à alternativa, a avaliação sobre a psicanálise parece-me equivocada.

*Psicanalista, graduado em psicologia pela PUC-SP. Mestre em filosofia pela USP. Professor do curso de psicologia da Unip e da ESPM.

da e talvez esteja baseada na crença de que passado ou presente *existam* enquanto tais.

A partir da noção de posterioridade, podemos derivar algo que desenvolveremos adiante sobre a dinâmica do psiquismo. O inconsciente não é o passado, ele remete justamente àquilo que não passou e, por isto, torna-se uma grade que insiste em tornar o presente repetição; o vivido presente, por sua vez, pode significar o que restou sem sentido (ao menos parcialmente) para deixá-lo, agora sim, ser passado. Coloca-se em questão, assim, a existência de uma distinção clara entre as noções de passado e presente.

Laplanche suspeita que a idéia de posterioridade possa dar ensejo a uma desconsideração pelo infantil e, por outro lado, teme que atribuamos hoje uma importância para o conceito ausente no próprio pensamento de Freud.¹

Procurando articular uma concepção mais clara sobre o tempo na obra freudiana, Laplanche propõe quatro categorias, que poderiam ser aplicadas a qualquer outro pensador, com as quais procura identificar a posição de Freud: *nível 1*, tempo cosmológico, tempo do mundo; *nível 2*, tempo perceptivo, consciência imediata e, mesmo, tempo do vivente; *nível 3*, tempo da memória e do projeto, seria propriamente a temporalização do ser humano; *nível 4*, o tempo da história, o tempo da humanidade como um todo.

Cada um dos níveis é exemplificado com a menção de pensadores que os caracterizariam. A teoria explícita de Freud é enquadrada no segundo e quarto níveis.

Em 'Notas sobre o bloco mágico' (1925), encontraríamos uma teoria da percepção segundo a qual ela se dá por aberturas e fechamentos cíclicos, o que poderia levar à idéia de que o ser presente no mundo sofre de um "excesso de mundo". Laplanche considera a inserção de Freud neste nível extremamente localizada e até mesmo desvinculada do conjunto da teoria, pois não haveria outras referências a uma teoria do funcionamento da percepção e, sobretudo, ela poderia aplicar-se a qualquer ser vivente. Embora não pretenda estender-me sobre este ponto, gostaria de indicar que esta teoria da percepção ligada à extensão e encolhimento rítmicos do psiquismo tem lugar na teoria de Freud. Basta atentar para a discussão de textos como o do 'Projeto de uma psicologia para neurólogos' e 'Além do princípio do prazer'.

A inserção de Freud no nível 4, o nível da história, seria evidente por meio de obras como 'Totem e tabu', por exemplo.

Mas o que interessa de fato a Laplanche é trabalhar o nível 3, o da temporalidade humana. Para isso, pensa ser necessário explorar uma teorização implícita à obra. É neste ponto que tem início a parte mais interessante do artigo, assim como a mais problemática. Numa belíssima análise de 'Luto e melancolia' e 'Totem e tabu', o fenômeno do luto é apresentado como paradigma da relação humana com a perda; ele colocaria em questão a necessidade de metabolizar, ao longo do tempo, o impacto do outro sobre o psiquismo.

Laplanche articula a temporalidade humana a sua concepção de mensagem. A constituição da subjetividade remete ao impacto de mensagens enigmáticas, cujo sen-

tido escaparia ao próprio emissor, pois emanariam do outro que o constitui, de seu inconsciente. O enigma desperta o surgimento de um impulso visando seu domínio, a sua solução. Diz Laplanche: "O enigma reconduz assim à alteridade do outro; e a alteridade do outro é sua reação ao seu inconsciente, quer dizer, sua alteridade a ele mesmo". (p. 380)

Como em obras anteriores, Laplanche destaca a importância da expressão *Lösung* na escrita de Freud; ela remete à análise, decomposição, dissolução, desatamento de nós (esta tentativa de tradução de um termo, na qual propus quatro outros que não bastam para esgotá-lo, já serve como exemplo). O luto implicaria uma solução dessa espécie em relação aos vínculos com o objeto perdido; realizada progressivamente a dissolução desses vínculos, novas ligações poderiam se dar. Sobraria do enigma, no entanto, sempre um resto sem solução – não há complexo de Édipo *bem resolvido*. Em todo caso, caberia à psicanálise remontar a este 'passado', visando analisá-lo.

O nó a ser dissolvido não sofre a ação do tempo, é a isto que se refere a idéia de que o inconsciente é atemporal. Laplanche propõe uma interpretação bastante original da suposta espera de Penélope por Ulisses: o ato de tecer de dia e destecer de noite durante anos poderia ser entendido como um trabalho de luto. E se Ulisses não tivesse voltado? Poderíamos imaginá-la um dia largando a tela e aceitando o assédio de algum pretendente que conseguisse dobrar o arco de (como) Ulisses?

No final do artigo, Laplanche explicita a clara influência de Heidegger em seus trabalhos mais recentes e reafirma a necessidade da categoria de mensagem como forma de dar conta da constituição da subjetividade humana em psicanálise, sem o recurso a hipóteses biologizantes e remetendo-a ao impacto do outro.

Mesmo considerando o artigo de Laplanche extremamente instigante e rico – numa medida cada vez mais rara de ser encontrada – e respeitando-o como um dos mais importantes comentadores da obra de Freud, penso que cabe questioná-lo em alguns pontos. *Creio ser extremamente problemático o procedimento de explicitar uma suposta teoria implícita com categorias externas ao próprio campo*. O artigo deixa a impressão de que *é preciso* encontrar em Freud a categoria de alteridade fundante. O trabalho visa satisfazer esta suposta necessidade, como se Freud precisasse ser salvo ou traduzido para um discurso 'moderno'. Talvez fosse melhor pensarmos o artigo não como um ensaio sobre uma teoria implícita em Freud, mas como uma teoria explícita de Laplanche, sugestiva e plena de valor.

Creio ainda ser possível dizer que há uma concepção explícita de Freud sobre a temporalidade – ainda que não seja sistematizada –, na qual há um lugar para o outro ou, ao menos, para algo alheio ao psiquismo. Refiro-me a obras como 'Recordações encobridoras', 'O poeta e o fantasiar', 'A dinâmica da transferência' e 'Construções em análise'.

Trata-se justamente da possibilidade de que, em psicanálise, passado, presente e futuro não fossem entendidos como entidades autônomas, mas como elementos de

uma complexa dinâmica, tal como foi sugerido no início desse comentário. Não é o caso de desenvolver aqui um ensaio a este respeito. Apenas como indicação, cito um trecho de 'O poeta e o fantasiar', no qual Freud observa que as fantasias não devem ser entendidas como imutáveis no tempo:

Elas se adaptam às impressões vitais que se alteram, mudam a cada oscilação das situações da vida, recebem uma, por assim dizer, 'marca temporal'. A relação da fantasia com o tempo é extremamente significativa. Deve-se dizer: uma fantasia ergue-se igualmente sobre os três tempos, os três momentos de nossa representação. O trabalho anímico liga-se a uma impressão atual, um motivo do presente capaz de despertar os grandes desejos da pessoa, volta à recordação de uma impressão precoce, na maioria das vezes infantil, em que aqueles desejos eram satisfeitos, criando uma situação referida ao futuro que se apresenta como a satisfação daqueles desejos; precisamente os sonhos diurnos ou as fantasias, que trazem agora os traços de sua origem na ocasião e na recordação. Portanto, alinham-se passado presente e futuro como num fio percorrido pelo desejo. (GW, v. VII, p. 217-8)²

É possível destacar desta citação extremamente rica, entre outras coisas, a idéia de que o psiquismo (a imaginação, o pensamento, o desejo) opera entre dois referentes: as realidades material e psíquica, inacessíveis diretamente. Não há dúvidas de que Freud sempre trabalhou privilegiadamente com a última, era sobre este universo que ele acreditava ter algo de novo a dizer, mas é igualmente indubitável que o psiquismo não é todo ele autista. Esta realidade outra ao psiquismo evidencia-se freqüentemente, sobretudo na figura da frustração, na impossibilidade de o desejo impor-se à realidade.

A título de conclusão, creio que essas formulações podem levar a uma concepção segundo a qual a dinâmica do psiquismo e, assim, de sua temporalidade, desenha-se como numa rede percorrida pelo desejo suspensa entre pólos virtuais – duas realidades inalcançáveis, segundo Freud –, em constante concorrência.

Notas

1. Este é um problema quase comum com relação a metáforas, imagens ou expressões do senso comum, que, por aparecerem com alguma freqüência na escrita de Freud, impõe aos comentadores um trabalho de avaliação de seu estatuto. A 'posterioridade' ganhou grande parte de seu *status* atual a partir da leitura de Lacan; o mesmo ocorre hoje com o uso que Laplanche faz de expressões freudianas como 'corpo estranho'.
2. As citações de Freud foram extraídas e traduzidas por mim da edição alemã *Gesammelte Werke*, Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, 1977, em 19 volumes.